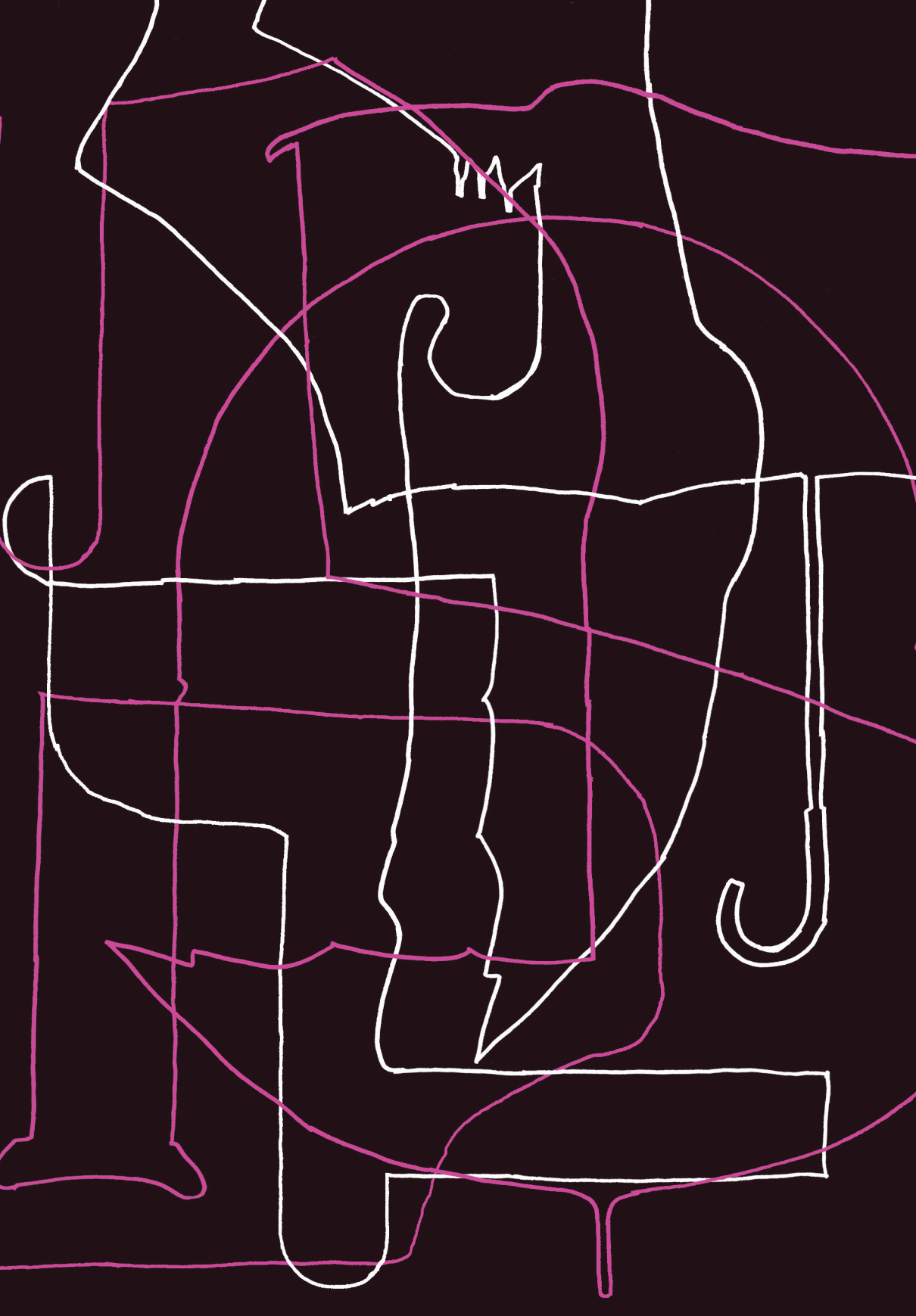



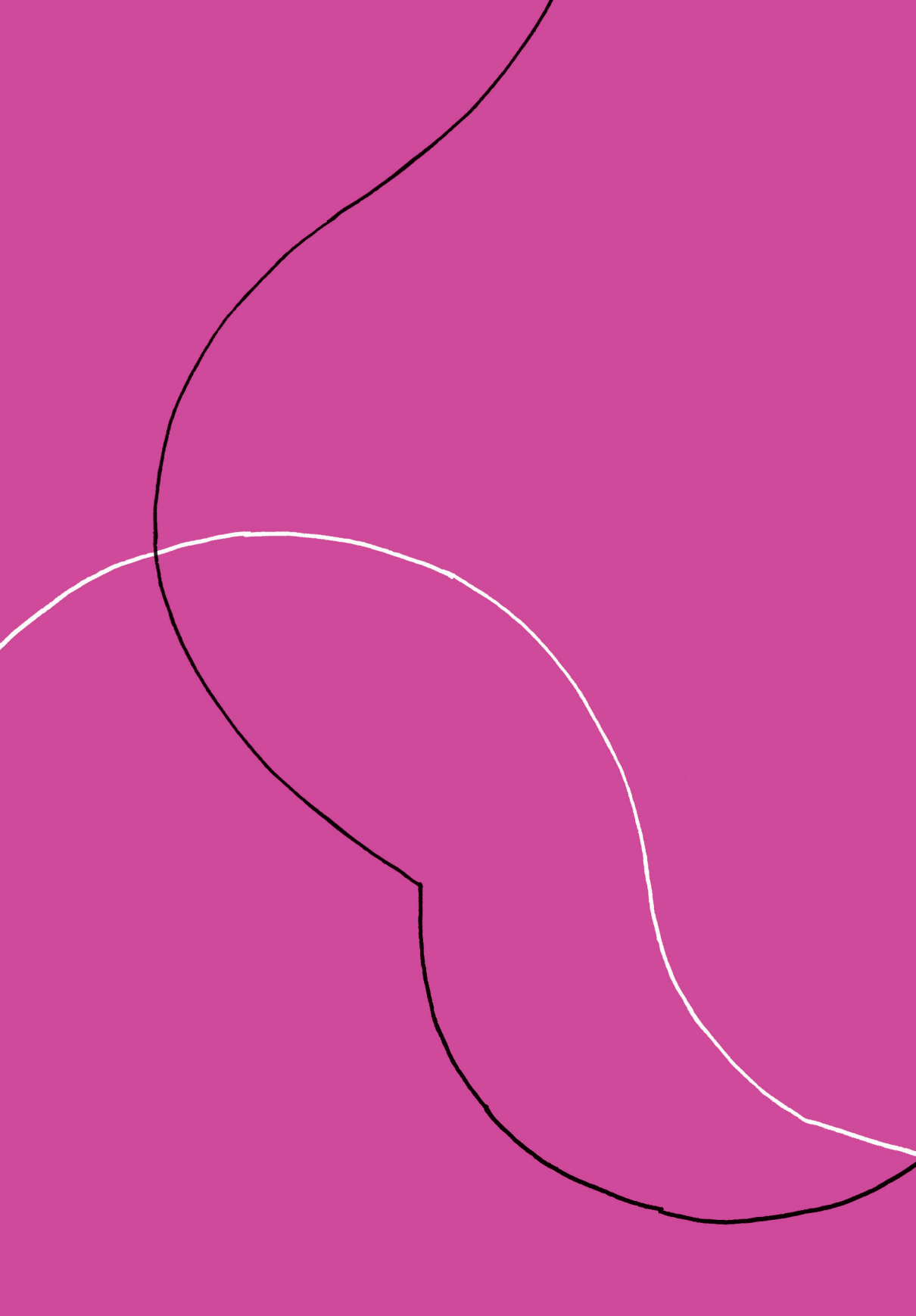
A MENINA QUE
NÃO QUERIA
SER TOP MODEL

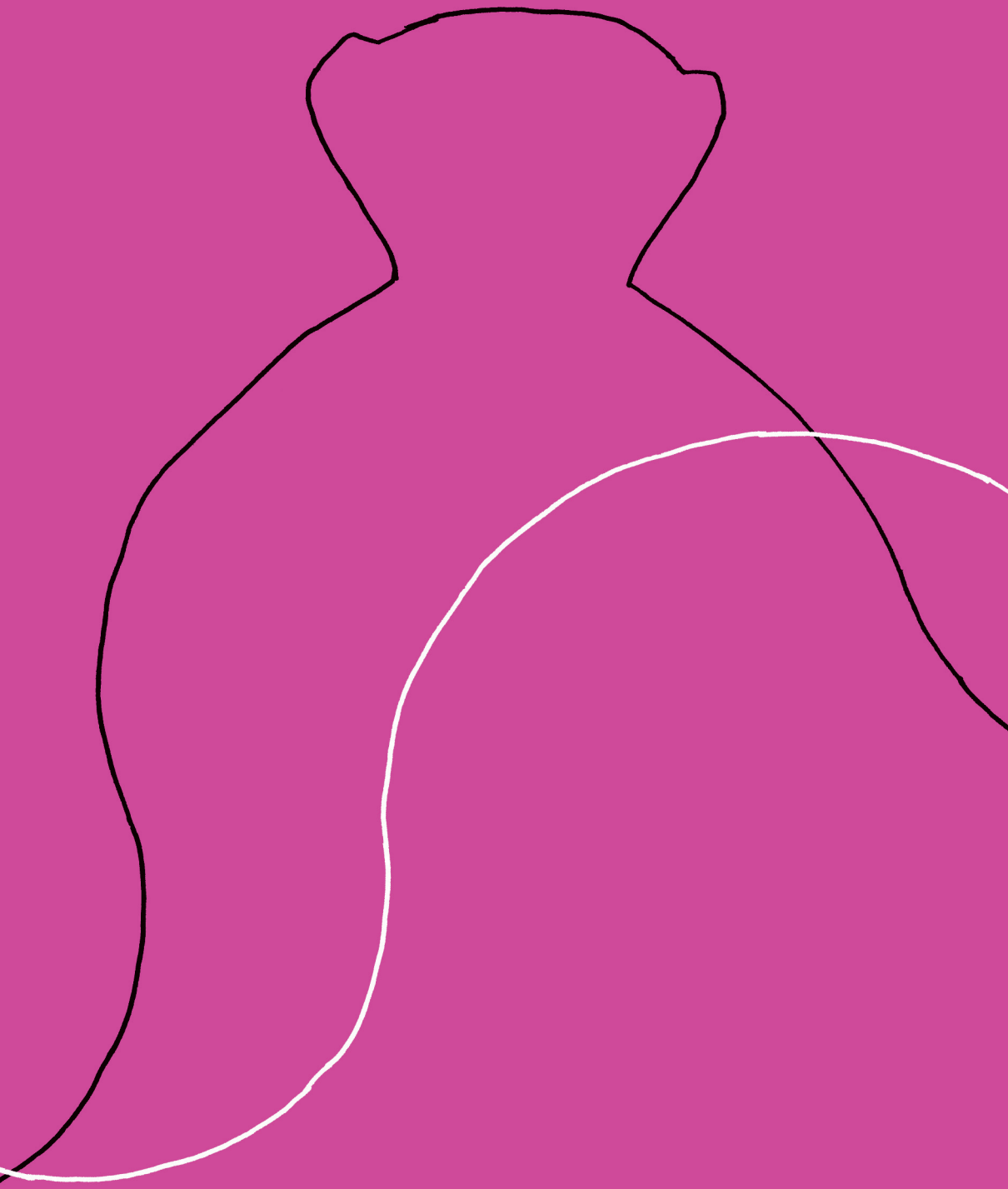




**A MENINA QUE
NÃO QUERIA
SER TOP MODEL**







PARA EIKO LU E GUIDINHA,
AMIGAS QUERIDAS.

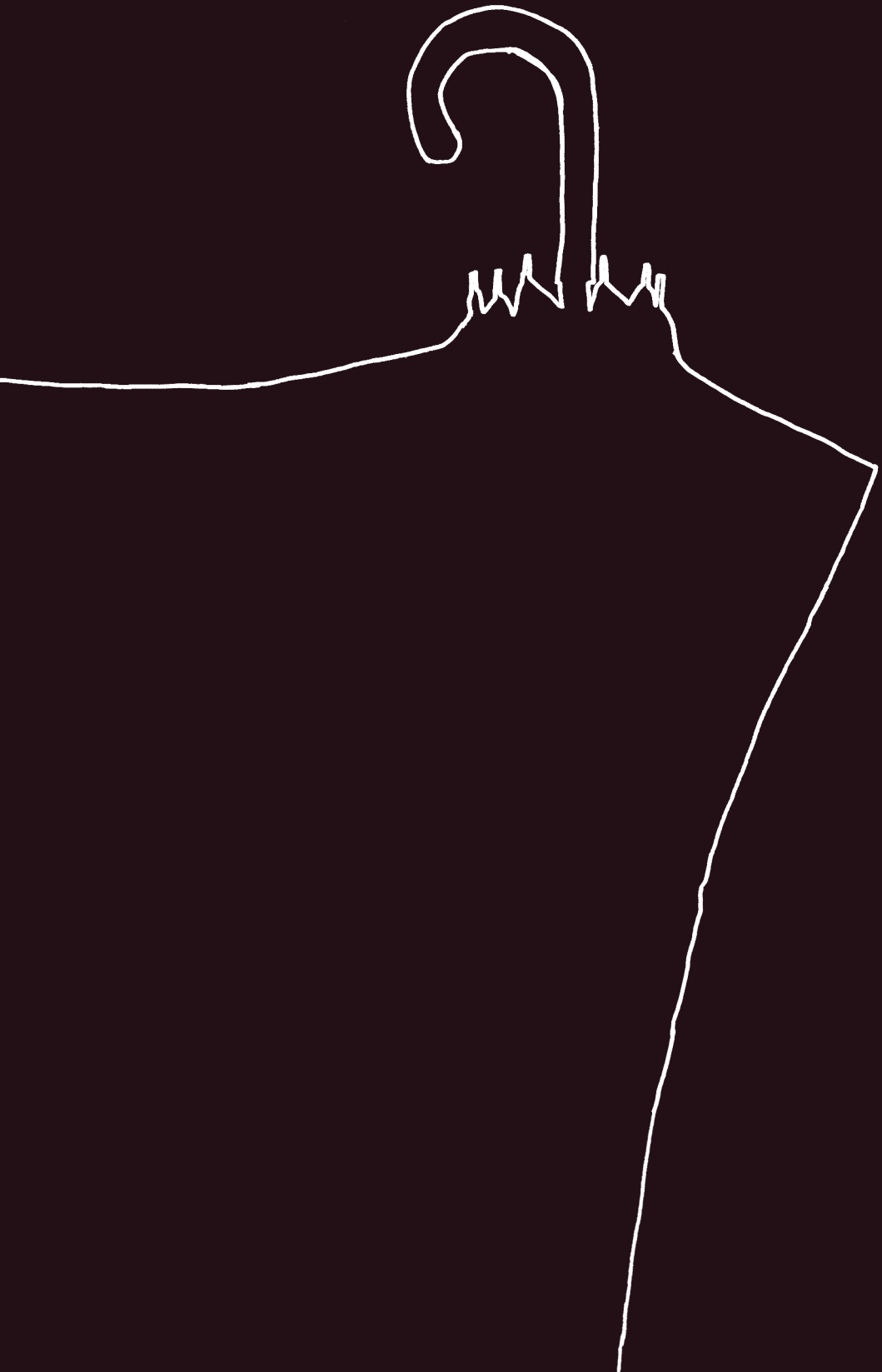
Vitória está prestes a completar catorze anos. Faz poucos dias que voltou para casa, depois de passar vinte dias no hospital e seis meses morando com os avós paternos. Antes desses seis meses e vinte dias, passou alguns anos vomitando escondido. Comia tudo o que via pela frente, depois se trancava no banheiro e punha tudo para fora. Em algum momento perceberam, na escola, o que estava acontecendo com a menina e chamaram seus pais. Eles resistiram em acreditar, mas tiveram que se render ao diagnóstico médico, que ordenou internamento imediato. Quando saiu do hospital, Vitória foi morar com os avós por aconselhamento da psicóloga que tinha acompanhado seu caso. A família está agora tentando se reconstituir.

Vitória está mais segura, defende suas opiniões e seu jeito de ser, tanto que conseguiu viajar com os amigos para passar seu aniversário acampando. Virgínia, a mãe, tenta, sem muito sucesso, controlar seu jeito impositivo. O pai, Francisco, faz algum tempo vem se esforçando em mudar e em prestar mais atenção ao que acontece na casa. O irmão, Cássio... bem, o irmão está na dele, como sempre. Quando era pequeno, olhava os outros três membros da família um pouco como se fossem seres de outra espécie, um tanto quanto difíceis de compreender. Depois, desde que descobrira, já há um bom tempo, que o fato de não ter sido mimado — coisa que, quando era menor, lhe causou muito desgosto e ciúmes — foi talvez a maior sorte que já tivera em sua vida ainda curta, começou a colaborar, na medida das suas possibilidades, para um bom clima familiar.

O equilíbrio ainda é instável, todos parecem estar caminhando sobre ovos e a vida vai seguindo um rumo tortuoso.



PRIMEIRO DIA



01 **HOJE É SEXTA-FEIRA, 13 DE AGOSTO. É**

meu aniversário. E eu não estou com medo. Não há nenhuma nuvem no céu, as cores da paisagem parecem uma pintura, e uma brisa fria começa a soprar, arrepiando os pelos do meu braço e aliviando a sensação de febre de sol. Aqui, da rocha onde estou sentada, acompanhei o barco chegando e vejo agora os pescadores puxando a rede, cadenciadamente, como um balé. Ouço, vindo de onde estão as barracas, as vozes, o violão, o canto, o crepitar do fogo. Sinto um cheiro bom de comida, e a fome me dá água na boca. Meus amigos estão preparando um peixe e uma macarronada. Hoje não tenho tarefas, porque é meu aniversário.

10 Meus olhos ficam marejados, e uma sensação de plenitude me toma. Mas dura pouco. Minha mãe consegue me alcançar onde quer que eu esteja. Mesmo quando é só em pensamento, ela me invade, me perturba, me tira do sério, acaba com a minha paz.

Penso que devem existir, com certeza, milhares de pessoas no planeta que nasceram numa sexta-feira, 13 de agosto. Será que todas elas têm uma mãe que acha que tudo que lhes acontece de ruim é por causa da data do seu nascimento?

Minha mãe não é nenhuma entendida em Astrologia ou Numerologia. É mais uma ouvinte assídua e matutina de horóscopos e planeja metodicamente seu dia, e o de todos os membros da família, de acordo com as previsões de seu astrólogo preferido, cujo programa no rádio vai ao ar diariamente, às sete horas da manhã.

Eu sou azarada, brava, mal-humorada, indecisa e insegura. Assim fui rotulada por minha mãe desde o dia em que nasci. O nome que ela me deu, Vitória, não sem antes consultar uns cinco dicionários de nomes, foi uma tentativa de combater os meus maus presságios natalícios.

Durante muito tempo, uma vez por semana ela me levava a uma benzedeira, na esperança de que os poderes da mulher, que nunca deixava de dizer que eu estava “carregada”, neutralizassem os poderes astrais. Vasos de arruda, incensos de limpeza e velas de sete dias passaram a fazer parte da decoração da casa. Pendurados em cima da minha cama e no meu pescoço, figas e santinhos tentavam afastar o mau-olhado.

Os borrachudos estão me picando, a brisa fria já não está agradável, a risada histérica da Morena me irrita. Eu sei que ela é legal, boa gente, bom caráter, tá, tá, tá, mas que tem uma risada muito chata, isso tem. É batata! Basta ficar de olho num carinha e começa com essas risadas. Tá na cara que tá a fim do Chico, só ele não vê, ou não quer ver. É feio, pô! Já falei: “Se preserva, não deixa o cara perceber que você tá a fim”, mas ela não consegue. E olha só a Silvinha jogando o maior charme pra cima do Diego... Tô vendo que eu vou ficar isolada. Claro, tem o resto

da turma, mas eu não sou tão amiga dos outros como sou da Silvinha e da Morena, e também não tô a fim de nenhum desses caras. Ai, tem hora que acho todo mundo chato. A Silvinha pega no meu pé quando falo isso, diz que eu é que sou intolerante, difícil, que assim eu afasto os amigos e mais isso e mais aquilo.

Não quero ficar com raiva. Hoje não! Cadê o encanto que eu estava sentindo?

02 NO DIA EM QUE COMPLETOU ONZE MESES,

Vitória decidiu ensaiar seus primeiros passos na posição ereta. Soltou-se do sofá em que estava segurando e deu um passo trôpego. Iniciou o segundo com os olhos brilhando e um sorriso maravilhado de quem está conquistando terras inexploradas. Ia, enfim, se atirar de peito aberto, dando prosseguimento ao seu andar vacilante, quando a mãe, que estava distraída falando ao telefone, deu um berro e saiu correndo em sua direção. No desespero, levou junto o telefone, sua tomada e um pedaço da parede. Tamanho impulso fez com que tropeçasse no tapete e viesse se estatelar justo em cima da menina, que, por sorte, só sofreu um grande susto.

A mãe, apesar do tornozelo torcido, se sentiu uma heroína. Sua filha, a azarada, teria certamente sofrido ferimentos incalculáveis, não fosse a intervenção de tão dedicada progenitora.

12 Vitória, sem entender muito bem que terremoto tinha vindo interromper sua aventura, achou por bem continuar explorando o mundo apoiada em quatro patas. Somente quando sua mãe a puxava pelas duas mãos ou a fazia caminhar presa por uma coleira é que a menina ganhava de novo a coragem de se comportar como uma legítima representante de sua espécie.

Quando completou um ano e meio, seu pai reparou que ela ainda não andava. Pegou a criança e, seguido de perto pela mulher, que protestava e o chamava de pai desnaturado e irresponsável, levou-a a um campinho de futebol perto de sua casa. Lá chegando, colocou-a de pé no chão, embaixo de um dos gols, deu-lhe um leve safanão nas costas e disse:

— Anda!

E, como um milagre das histórias bíblicas, a menina andou.

O impulso inicial foi suficiente para que ela chegasse até o meio do campo, quando perdeu o equilíbrio e caiu sentada. A mãe quis sair correndo para socorrê-la, mas o pai segurou-a e gritou para a filha:

— Levanta!

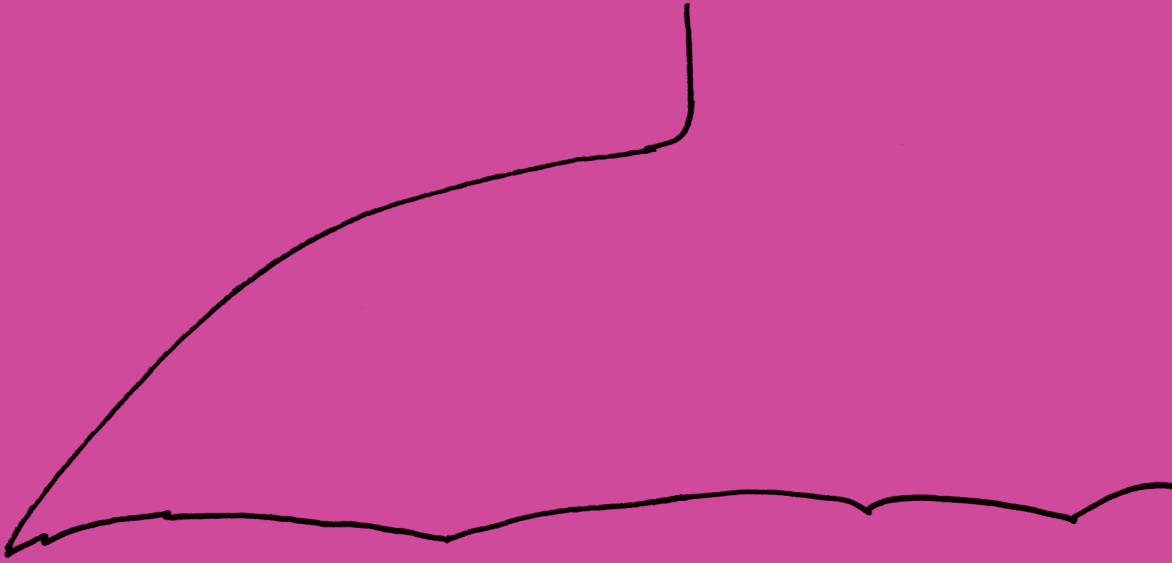
E Vitória levantou.

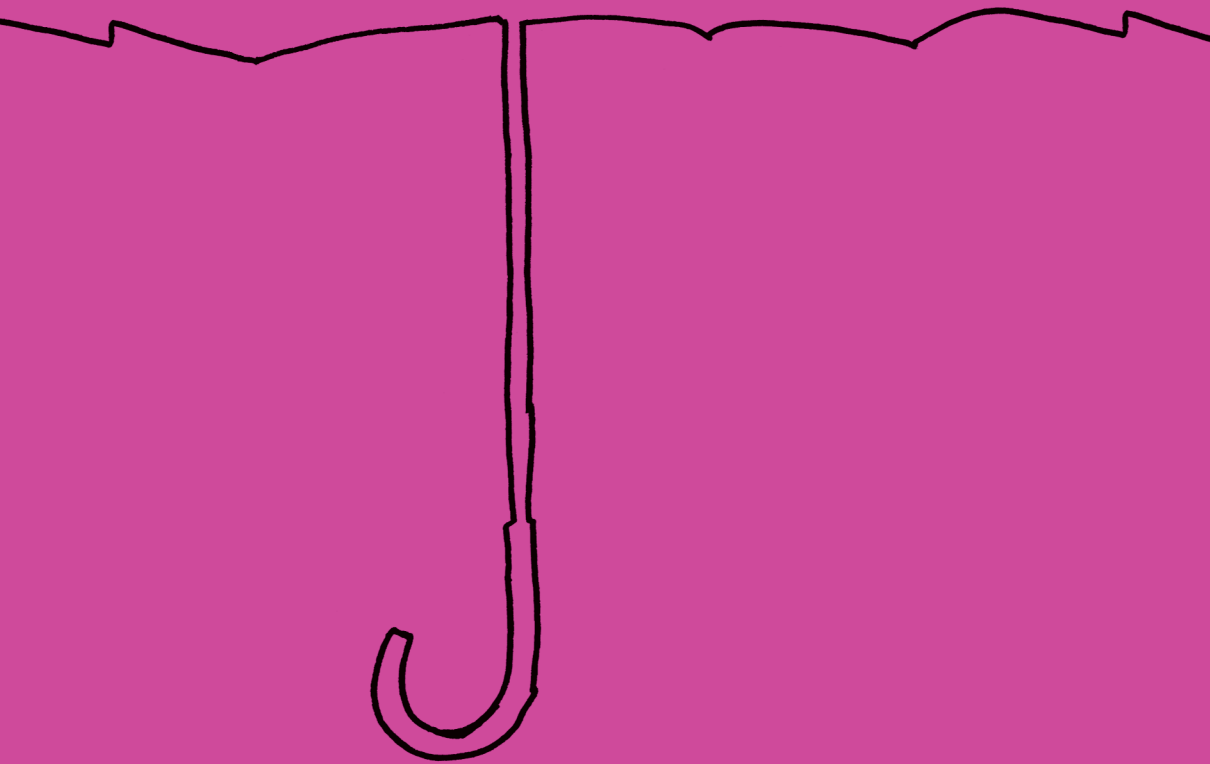
Levantou e caiu três vezes seguidas, mas na quarta se jogou para a frente e, como um bêbado equilibrista, avançou até chegar ao outro gol, onde, triunfante, se segurou na trave.

Apesar da conquista, agora irreversível, a mãe não viu nela nada de auspicioso. O fato de não andar até idade tão tardia se devia, segundo ela, “à sua grande indecisão e insegurança, características típicas do seu ascendente em Gêmeos”. Obrigada pelo pai a galgar seus primeiros passos independentes, a menina seria levada a reforçar os aspectos negativos de seu signo, Leão, tornando-se ainda mais agressiva e mal-humorada.

03 ONDE FOI QUE EU ERREI? EU NÃO

conheço, nunca conheci e duvido que vá conhecer mãe mais dedicada do que eu! Larguei tudo para cuidar dessa menina.





Minha vida, meu trabalho, meus prazeres, minha beleza, minha juventude, tudo, tudo, tudo... E o que eu recebo em troca?

Nada. Nem um telefonema para dizer que está tudo bem. Passando o aniversário longe de mim, acampando na praia com os amigos, um bando de *hippies* de cabelo sebento. E devem ser todos drogados. Duvido que alguma daquelas meninas ainda seja virgem. Que horror, treze, catorze anos... E a Vitória... ai minha Mãe Santíssima, será?...

A mãe da Morena tentou me acalmar, disse que vai dar tudo certo, que eles prometeram se comportar, que são todos bons meninos e boas meninas. Por mim, eu não deixava, de jeito nenhum. Mas a Vitória fez tamanho escândalo que eu até assustei. Ela me ameaçou: disse que ia, mesmo que eu não deixasse. Acho que ela ia mesmo. E que depois voltava pra casa dos avós. Acho que voltava mesmo. Não tive alternativa. Perdi completamente o controle sobre essa menina. Como isso foi acontecer?!

Eu não aguento mais essa insônia, os pensamentos que giram, giram, não me dão sossego, sempre pensando no pior, num acidente, estupro, assassinato... E esse bode gordo que não para de roncar. Não está nem aí, não se preocupa com nada, acha que eu sou louca. E me desautorizou, deu força pra Vitória viajar! Eu não consigo acreditar que um dia eu fui apaixonada, apaixonadíssima por esse homem.

Minha mãe, minha doce mãe, coitada. Eu olhava pra ela e jurava pra mim mesma que nunca eu ia ter uma vida infeliz como a dela. Que o meu casamento ia ser muito diferente, que eu ia encontrar um príncipe encantado, que eu ia escapar do inferno...